

Aprender e ensinar história: como jogar com isso?

Fernando Seffner

1 Só sei que pouco sei!

Das muitas assombrações que perseguem uma professora durante sua vida profissional, queremos aqui destacar duas de ordem propriamente pedagógica. A primeira delas é cotidiana, epidérmica; acontece enquanto o professor¹ explica algum conteúdo e se indaga “será que eles estão aprendendo”? A segunda assombração é mais de fundo, de longa duração, e diz respeito à eterna pergunta “será que isso vai fazer alguma diferença na vida destes alunos”? A primeira indagação é talvez mais fácil de ser resolvida a bom termo, porque depois de algumas aulas, a professora faz uma avaliação e ali verifica se efetivamente seus alunos aprenderam ou não o conteúdo ensinado. De toda forma, mesmo que as notas tenham sido boas, sempre permanece a dúvida, expressa em frases do tipo “eu ensinei isso no primeiro trimestre, a turma alcançou boas notas, mas no segundo trimestre parece que não lembravam mais de nada”. De um ano a outro, então, nem se fala! Ninguém lembra o que foi estudado. A segunda assombração é de mais difícil resolução, pois em geral perdemos de vista alunos e alunas, e não sabemos se o que foi ensinado fez sentido em suas vidas, se trouxe alguma diferença no seu modo de pensar o mundo e sua trajetória nele. Fica a

¹ Ao longo do texto, nos permitimos alternar entre os vocábulos professor e professora, aluno e aluna para lembrar que temos uma diferença de gênero nas duas categorias, que pode trazer implicações para alguns temas em debate, pois homens e mulheres apresentam trajetórias distintas na sociedade, fruto da oferta diversa de oportunidades e modos de interpretar o mundo.

dolorosa questão: se meus alunos não tivessem aprendido comigo estes tópicos de história, teriam tido uma vida diferente da que tiveram ou não?

Estas questões são particularmente complicadas quando se pensa em uma disciplina específica, no caso a de História. Elas envolvem não apenas debates de natureza pedagógica, mas também indagações acerca do compromisso político do professor, da compreensão de escola que se teme dos objetivos da disciplina de História; envolvem igualmente saber de que alunos nós estamos falando, de qual o contexto social, cultural, político e econômico da comunidade escolar em que as aprendizagens da história estão acontecendo². Se nada sabemos das vidas atuais e possíveis carreiras futuras de nossos alunos, temos também poucos elementos para saber se o que ensinamos tem chance de fazer algum sentido. Em verdade, são tantos fatores que intervêm que parece ser praticamente impossível ter segurança de que as estratégias pedagógicas empregadas permitem a garantia de aprendizagens significativas. Em vista das dificuldades, muitos professores terminam abrindo mão de se indagar acerca dessas duas grandes questões, o que implica certo apego ao programa e aos conteúdos já definidos no livro didático, levando adiante seu ensinamento e não abrindo espaço para questionamentos acerca da possível utilidade ou relevância do que está sendo ensinado. Esta postura é ruim tanto para os professores que perdem a autonomia docente e aparecem frente às classes de alunos como meros retransmissores de um conteúdo definido em outras instâncias, quanto para o alunado que passa a considerar que a escola da vida é mais importante do que a vida na escola³. A professora traz para o debate informações do mundo da ciência, que muitas vezes efetivamente não fazem parte do cotidiano dos alunos, mas se estas informações não ganham sentido na vida dos alunos, corre-se o risco de que os alunos concluem que a escola não é feita para eles.

Na tentativa de ensaiar respostas a essas duas questões, evitando justamente que elas se transformem em assombrações a roubar o sono de professores e professoras, a abordagem comporta dois momentos no texto a seguir. No primeiro, se faz a discussão do que sejam aprendizagens significativas em história, articulando com conceitos, estratégias pedagógicas e formação docente; no segundo momento, é apresentada uma listagem de critérios que auxiliam

2 Na medida do possível, utilizamos História, com a primeira letra em caixa alta, quando nos referimos à disciplina escolar assim denominada, e usamos história, com primeira letra em caixa baixa, quando falamos do conhecimento histórico de modo geral.

3 Trocadilho com o título da conhecida obra CECCON et. al.(1991).

a construir ou reconhecer atividades com possibilidades de gerar aprendizagens significativas em História. De posse das ferramentas conceituais e da lista de critérios, um professor estará em melhores condições de enfrentar estas duas grandes assombrações.

2 Aprender ou assimilar, gravar, memorizar, decorar, absorver, reter?

Em educação, parece ser muito mais fácil definir as modalidades pobres do ensinar e do aprender, do que propriamente chegar a um consenso do que seja ensinar e aprender de modo mais “nobre”. Certamente, a tarefa de ensinar aparece de forma degradada em verbos como adestrar, instruir, treinar, amestrar, doutrinar; de forma semelhante, o aprender é representado de forma rebaixada em verbos como decorar, gravar, memorizar, absorver, reter, assimilar, fixar. Podemos até considerar que memorizar tem importância no momento do aprender, porém o aprender é algo mais “elevado” do que o memorizar. Também se pode sustentar que treinar o modo de execução de algo, faz parte das estratégias de ensino. Mas ensinar é percebido socialmente como superior ao simples treinamento.

O que seria uma boa definição de ensinar e aprender em história? A palavra “história” vem do grego e, originalmente, significa “conhecimento narrado” ou aprendizado pela narrativa. Heródoto, o “pai da História”, afirmava que aquilo que os homens podem conhecer, sobre si mesmos ou sobre a humanidade, passa necessariamente pelo aprendizado do já acontecido. É mergulhando nas narrativas da história da humanidade que pode o homem conhecer-se a si mesmo e aos outros, entendendo melhor a sociedade em que vive. Na estruturação e materialidade do mundo de hoje, de forma sutil, estão presentes todos os acontecimentos da história humana passada. O momento presente é sempre tecido com fios de acontecimentos do passado e fios de projetos para o futuro. É desta combinação entre elementos do passado e desejos de futuro que cada um de nós costura o seu presente. Entretanto, oscilamos entre a necessidade de lembrar e a vontade de esquecer as histórias passadas. Lembrar nem sempre é tarefa agradável. Pode ser experiência dolorosa, constrangedora ou indagadora. De toda forma, a memória é a matéria da aula de História⁴.

4 Essas questões estão mais desenvolvidas em SEFFNER, 1998

Uma aprendizagem significativa, em história, começa com boas indagações sobre o tempo presente; logo, uma proposta pedagógica, que busque a construção de atividades de aprendizagem significativa em História, deve efetuar dois movimentos básicos: selecionar da realidade atual temas e questões relevantes e buscar na história elementos para melhor compreendê-los no acervo de experiências da história da humanidade. Isto já nos fala de um professor de história que não pode andar apenas mergulhado no passado, mas tem que estar sintonizado com o tempo presente, com as culturas juvenis que marcam seus alunos e com as especulações feitas acerca do futuro, mundo onde seus alunos irão viver e trabalhar. Por exemplo, hoje se fala muito do binômio “exclusão – inclusão”. Este tema atinge os alunos? É questão relevante para eles? Eis que o mundo é um conjunto de possibilidades. Que estratégias envolvem a busca das boas possibilidades hoje? As boas possibilidades de vida estão se restringindo? Ou estão se alargando? Como se dá a divisão dos recursos disponíveis na sociedade? O Brasil é uma sociedade marcada pela igualdade de acesso às boas oportunidades ou é uma sociedade de forte desigualdade de acesso? O que se pode selecionar da vasta história da humanidade, no sentido de auxiliar a discussão deste tópico? O estudo deste tópico pode levar os alunos a traçarem com mais lucidez suas carreiras futuras? Há que se obter respostas para tais inquietações, o que se busca com este estudo.

Pensado dessa forma, o ensino de história não pode estar preso a um livro didático, e funciona em forte articulação com as demandas do tempo presente. Este ensino precisa trazer também a marca de intensa autonomia intelectual do professor, que elabora atividades e vai com isso montando seu programa, o que significa que vai expressando seu modo de entender a história. Pensamos em um regime escolar em que o professor consiga permanecer um longo tempo num único tema, se isto for percebido como boa alternativa frente ao interesse da turma, não sendo obrigado a cobrir um programa enorme de tópicos, que necessariamente serão abordados de forma apressada⁵. Em outras palavras, pensamos num professor com autonomia para eleger determinados temas em um programa, e a eles dedicar o que chamaremos de um “tempo suficiente” de estudo, saindo do epidérmico e permitindo mostrar a complexidade. Professores que seguem programas quilométricos, a partir de livros didáticos,

5 A crítica aos programas enciclopédicos tem estado na ordem do dia, veja-se em <<http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impresa/4,38,4170711,22171>> (último acesso em 16 de junho de 2013)

certamente não encontrarão muitos espaços para produção de aprendizagens significativas. Em educação, sempre a qualidade na abordagem dos conteúdos será preferível à quantidade. A listagem de critérios que apresentamos, no item seguinte, convive bem com professores que sabem que é possível falar muito tempo de coisas pequenas, porque em cada acontecimento há sempre um mundo de possibilidades, desdobramentos, interpretações, versões, conceitos, etc.

Formar um aluno que tenha capacidade de pensar historicamente, bem como de fazer um raciocínio histórico sobre as situações da atualidade, pressupõe um trabalho que envolva riqueza de informações sobre o passado, combinado com uma discussão densa dos conceitos que estruturam o campo da História e que devem ser entendidos como ferramentas para melhor compreender o social. Uma das tarefas da aula de História é a de possibilitar que o aluno se interrogue sobre sua própria historicidade, inserida aí sua estrutura familiar, a sociedade ao qual pertence, o país, o estado, etc. Podemos afirmar que a aprendizagem mais significativa produzida pelo ensino de História, na escola fundamental, é fazer com que o aluno se capacite a realizar uma reflexão de natureza histórica acerca de si e do mundo que o rodeia. Este conhecimento acerca do mundo, que a reflexão histórica produz, é fundamental para a vida do homem em sociedade e, também, pressuposto para qualquer outro raciocínio de natureza crítica e emancipatória.

3 E no final tudo acaba em lista!

A seguir será apresentado um conjunto de critérios que permitem tanto avaliar atividades já realizadas para ensino de História quanto orientar a construção das mesmas, no sentido de que se constituam como práticas capazes de gerar aprendizagens significativas para os alunos. A listagem não é exaustiva e nem deve ser entendida como uma “receita” para construção de atividades. Esta lista de critérios foi construída a partir da leitura e discussão da bibliografia indicada ao final com a cooperação dos alunos das turmas anuais do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “O Ensino da Geografia e da História: saberes e fazeres na contemporaneidade”⁶, aos quais sou muito agradecido pelos estimulantes debates.

6. Maiores informações acerca deste curso podem ser obtidas em <<http://www.ufrgs.br/faced/especializacao/egh/>> (último acesso em 16 de junho de 2013)

Esses critérios não devem ser tomados “ao pé da letra”. Ou seja, eles muitas vezes indicam simplesmente uma direção que se considera a mais adequada. Sua aplicação deve respeitar os limites e as possibilidades dos contextos das variadas salas de aula, bem como os jeitos e estilos pessoais dos professores e professoras. A partir de cada um dos critérios, certamente existem muitos caminhos de aplicação, que não temos como esgotar aqui. Há, neste país, uma heterogeneidade de contextos escolares, sendo que a inclusão de novos públicos no sistema educacional potencializou esta diversidade. Desta forma, as decisões de como “aplicar” ou “levar adiante” os critérios abaixo, comportam uma enorme gama de possibilidades concretas. Por fim, não estão apresentados em ordem de importância cuja numeração é apenas para organizar este estudo. Para uma compreensão mais apurada destes critérios, é fundamental a leitura dos textos listados ao final, nas referências bibliográficas.

1. Uma atividade de ensino de História deve operar com conceitos e nomeações, e deve auxiliar o aluno a desenvolver um vocabulário histórico e próprio das ciências humanas. Ao planejar a atividade, o professor deve listar alguns termos e categorias conceituais que lhe parecem os mais apropriados para desenvolver nesta temática. Por vezes, alguns conceitos serão retomados e conceitos novos se acrescentarão. Ao estudar o tópico Revolução Francesa, necessariamente se aborda a figura do Estado, que experimentou modificações ao longo deste período, e provavelmente será uma retomada do conceito, já que este foi visto ao falar de Estado Absolutista. Mas o conceito de revolução e os conceitos de direita e esquerda ou de constituição, serão apresentados pela primeira vez no tópico Revolução Francesa. O aluno deve ter um registro dos conceitos trabalhados ao longo de cada atividade ou tópico. Quando solicitarmos que ele escreva um texto sobre Revolução Francesa, não é uma má ideia fornecermos os conceitos e dizer a ele que o texto deve ser escrito a partir destas palavras chave, que deverão estar adequadamente inseridas no texto. O texto complementar “Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula” contém uma listagem de conceitos históricos e problematiza esta questão (SEFFNER, 2001).

Exemplificando o que apresentado acima e no sentido de garantir a qualidade de análise dos problemas históricos, uma boa proposta de aprendizagem em História deve articular o ensino de informações históricas com a discussão das categorias teóricas que fundamentam o saber histórico, assim como os conceitos que estruturam o raciocínio histórico. Neste sentido, o professor deve organizar atividades que abordem de modo teórico/prático conceitos e problemas como: diferença entre História e história; relações entre história e ficção; questões relativas à memória, memória social e individual; construção da memória nacional, patrimônio histórico, patrimônio cultural, objeto histórico e museu; a problemática do tempo, tempo histórico e tempo social, necessidade e diferentes modalidades da contagem do tempo, tempo curto, médio e longo; o conceito de experiência e a experiência como elemento histórico; as polaridades do novo e do velho; o relativismo cultural e o antropocentrismo; seleção, organização e montagem de acervos; estudo dos recortes de gênero, classe, raça/etnia e geração; a polaridade campo/cidade e a história dos espaços; a escala dos fenômenos históricos; o conceito de ideologia e de representação dos fatos e a diferença entre eventos e fatos; as diferentes linguagens de representação dos acontecimentos (a da história, a da literatura, a do cinema, a do vídeo, a da pintura, a da escultura, a das histórias em quadrinhos, etc.); o documento histórico; os procedimentos da pesquisa histórica; as três dimensões da história (passado, presente e futuro); a ideia de progresso; as noções de público e privado, etc.⁷

2. Uma boa atividade de ensino de História deve prever um relacionamento com outras disciplinas, não necessariamente todas e não necessariamente o tempo todo. Por vezes, é mais adequado e operacional que façamos pequenas parcerias, com dois ou três professores no máximo, para que eles abordem alguma particularidade do tema que estamos trabalhando em suas aulas. Do mesmo modo, temos que estar abertos para pequenas parcerias com esses colegas, atendendo suas demandas. Projetos que envolvam todas as disciplinas da escola, em regime de interdisciplinaridade, só devem ser feitos quando

⁷ Aqui se aproveitam ideias já desenvolvidas em SEFFNER, 1998, disponível como texto complementar (Aprendizagens significativas em História), onde uma discussão mais completa está presente.

efetivamente todos estão interessados em fazer. Colegas que entram contrariados em projetos interdisciplinares, geralmente mais prejudicam do que ajudam. Um bom indicador de que nossas atividades estão produzindo impactos, é quando os alunos comentam delas nas aulas de outras disciplinas e levam a preocupação em resolvê-las para casa e quando a temática, de certo modo, é tratada com outros professores. Ressalta-se que também se faz necessário criar espaços dentro da escola para que a troca entre as disciplinas aconteça, viabilizando algum ambiente em que possa se juntar mais de uma turma.

3. As atividades em História não devem ficar reféns do passado. Alguma articulação com o presente ou com a identidade cultural dos alunos, com as culturas juvenis ou com cenários futuros de vida dos alunos deve estar presente. Temos aqui sempre presente o risco do anacronismo (conforme os dicionários, anacronismo é erro de cronologia que, geralmente, consiste em atribuir a uma época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época ou em representar, nas obras de arte, costumes e objetos de uma época a que não pertencem), visto que comparações apressadas entre passado e presente podem gerar confusões. Mesmo com estes perigos, o que está sendo estudado acerca do passado, em algum momento, deve ser trazido para diálogo com o presente do aluno. Identificar-se com o local em que se vive e auxiliar a construir uma identidade em relação ao pertencimento social mais próximo do aluno são características que valorizam uma atividade e ajudam na construção de aprendizagens significativas. O ensino de história será sempre em grande medida exterior aos alunos, vai falar de tempos e lugares distantes. Mas ele precisa, em vários outros momentos, ser mobilizado para o estudo e compreensão das redes sociais em que os alunos estão incluídos.
4. Boa aceitação pelos alunos é um critério importante. Embora não deva ser supervalorizado, é necessário perceber que os alunos demonstram boa receptividade à atividade. Isto pode implicar que se inclua no programa o estudo de tópicos do agrado dos

alunos, ou que se negocie para que eles apresentem os resultados do estudo do modo que lhes agrade. Ceder em alguns pontos, na negociação com os estudantes, abre a possibilidade de que se possa ter a adesão deles às nossas propostas em outros momentos. Um bom indicador de que a atividade está produzindo efeitos de aprendizagem são os questionamentos do aluno, quando reconhecemos que de modo espontâneo formulam perguntas, em linguagem que demonstra que processaram as informações, vincularam com seus interesses e produziram perguntas. Boas atividades geram inquietação, por vezes algum desconforto, burburinho na aula, comentários, curiosidade. As boas perguntas dos alunos são aquelas que se afastam dos termos e modos escolares e que são feitas em sua linguagem própria, carregadas de suas preocupações pessoais, onde se reconhecem os traços das culturas juvenis. Em suma, não devemos “escolarizar” demasiadamente as atividades, sob pena de que estas sejam vistas como algo que apenas encontra sentido e validade dentro dos muros da escola.

5. Entender que os conceitos que trabalhamos (como República, Nação, Monarquia, território, espaço, etc.) estão muitas vezes materializados em instituições que nos governam, e que devem então ser estudadas, conhecidas e visitadas se possível (câmara de vereadores, fórum, delegacias de polícia, prefeitura, ministério público, etc.). As visitas a estas instituições devem ser precedidas de um levantamento de questões e informações a coletar nelas e devem ser sucedidas por debates mostrando o que cada um colheu daquela atividade. Notícias de jornais também funcionam como porta de entrada para discussão de alguns conceitos.
6. Reconhecer e valorizar o saber que os alunos já possuem é uma postura fundamental. Sempre que iniciamos uma atividade, não podemos partir do pressuposto que os alunos não sabem nada. Respeitar o saber dos alunos sobre determinados temas, não significa concordar com esse saber. Toda atividade de estudo deve contemplar momentos em que os alunos explicitem o que já sabem, ou imaginam saber, sobre o tema. Pode ser uma boa

ideia também fazer com que os alunos manifestem as principais curiosidades ou perguntas que tenham acerca do tema. Um bom sinal é quando identificamos perguntas que refletem sobre a experiência de vida do aluno, que trazem para a vida cotidiana deles os assuntos tratados e que estabelecem nexos entre conteúdo e cotidiano. Em síntese, devemos sempre considerar as contribuições dos alunos e partir delas para efetuar novas discussões e debates. Assim como também, devemos considerar os modos pelos quais os alunos se expressam por escrito ou oralmente, o que não significa que vamos simplesmente aceitar essas modalidades, pois muitas vezes a professora vai mostrar a importância de aprenderem outros modos de ler e de escrever. As ideias dos alunos devem ter espaço desde o início da atividade. Por exemplo: criar um conjunto de slides para expor suas propostas e já prever ali espaço para inserir as ideias dos alunos, assim fazendo com que se sintam parte do projeto.

7. Toda atividade deve gerar uma produção autoral pessoal. Esta produção é em geral produção escrita, mas pode ser na forma de desenho, história em quadrinhos, música, etc. O ideal é que se guardem estas produções ao longo do ano, para que no final se possam ter momentos em que o aluno examina o que escreveu ao longo do ano, e avalie sua própria produção. Do meu ponto de vista, será sempre preferível que o professor leia com atenção e faça comentários em alguns poucos trabalhos escritos dos alunos que ler de modo apressado e não fazer anotação nenhuma em numerosos “trabalhinhos” ao longo do trimestre. Talvez se possa fazer assim: vamos recolher ao longo do ano apenas 10 trabalhos escritos de cada aluno, estes trabalhos serão sempre feitos em aula, sem consulta, e os alunos vão escrever do modo mais autoral possível, e vão escrever sobre temas ou situações ou experiências que foram bastante significativas, que geraram impressões e ganharam importância durante o ano letivo. Desta forma, serão trabalhos escritos em que eles estarão escrevendo

um pouco sobre si, o que é bom⁸. Conexão entre as fontes trabalhadas na sala de aula e o texto escrito deve ser exigida na redação da produção pessoal. Em outras palavras, se por um lado desejamos que os alunos elaborem textos opinativos, por outro não devemos aceitar textos que apenas manifestam uma opinião particular, e não argumentam. Toda produção escrita individual tem que dialogar com o que foi discutido em sala de aula. Ela pode ser uma escrita em que apareçam muitos elementos do senso comum, mas mesmo isso deve ser objeto de argumentação e escrito de maneira pessoal. Ênfase na leitura e na escrita deve ser uma postura que acompanha todos os trabalhos. A escola segue sendo o lugar da leitura, da escrita e da interpretação. Mas é necessária uma atenção especial a ser dada ao trabalho com imagens (imagens fixas, paradas, e imagens em movimento, como nos filmes). A sociedade atual é altamente produtora e consumidora de imagens. Os professores precisam entender melhor o que é uma imagem e como trabalhar com ela. A escrita deve ser o máximo possível autoral, original, melhor que escrevam cinco linhas originais, do que cinquenta copiadas de livros. Boas alternativas são: efetuar um mapa das práticas de leituras dos alunos, de seus parentes e amigos; efetuar um mapa dos livros que a aluna já leu, dos livros que existem em sua casa, de quem são os parentes e amigos que mais se envolvem em atividades de leitura, etc.

8. Problematizar o local, a localização e o localizar-se são objetivos importantes em Geografia, como em História são as questões do presente. Mas não existe apenas aprendizado no eixo do tempo; todo tempo vivido está amarrado a um espaço, e daí a importância de diálogos entre Geografia e História. Estabelecer conexões entre o global, o local, o regional, as diferentes escalas, os diferentes tempos. Estes traços devem estar presentes nas atividades escolares, sempre que possível. Lembrar que desejamos que os alunos se sintam situados no tempo e no espaço, sejam

⁸ Para maiores discussões acerca da importância do ler e do escrever em história veja-se SEFFNER (2003) e PEREIRA & SEFFNER (2008).

capazes de entender que eles são fruto de uma cultura, de um conjunto de valores, de um país, de uma configuração moral, etc. Analisar alguma característica da própria escola é uma boa sugestão de atividade, quando o conhecimento é mobilizado para a compreensão da realidade próxima ao aluno pode gerar experiências mais significativas. A escola é um diagrama de espaço tempo que pode servir de modelo para a compreensão de outros ambientes.

9. Diversidade de fontes e de atividades são critérios importantes, o uso de várias fontes – históricas, geográficas, literárias, imagens, etc. – valoriza o trabalho. O aluno precisa perceber que o professor organiza o trabalho a partir de várias fontes: consulta um atlas, lê uma carta, mostra uma gravura, lê um trecho do livro didático, passa um vídeo, sugere um sítio na internet, faz com que os alunos escutem uma música, leva a turma em uma visita a determinado local, traz jornais, manda que vejam um programa de TV, etc. Um professor que consulta exclusivamente o livro didático, que planeja as aulas apenas a partir de uma única fonte de informações, certamente é menos respeitado pelos alunos em sua autonomia intelectual. Ressalta-se que conceito de fonte histórica deve ser problematizado do ponto de vista teórico e também prático⁹.
10. Atividades dialogadas entre alunos e professores devem ser valorizadas, estimulando a argumentação e a confrontação de pontos de vista. Educar-se para o diálogo e argumentação entre diferentes pontos de vista é um desafio, e tem a ver com a noção de espaço público. A escola é um aprendizado de vivência no espaço público. É absolutamente importante que o aluno se respeite (reconheça e respeite seus próprios valores), se sinta respeitado pelos demais (não seja objeto de humilhação por conta das crenças que tem) e respeite os demais (não seja preconceituoso e nem ofensivo aos demais colegas). Isto tudo é muito difícil de organizar em sala de aula, mas constitui um patrimônio que vincula o ensino de história com os valores

9 Acerca da importância das fontes no ensino de história veja-se PEREIRA & SEFFNER (2008).

políticos mais amplos da sociedade em que vivemos. Nesta direção, dinâmicas de grupo são importantes e devem ser valorizadas, auxiliando o aluno a trabalhar com colegas, eis que saber trabalhar em grupo é um aprendizado importante para a vida. Tempo flexível de execução é importante, a atividade tem um cronograma, mas ele pode ser modificado, se a atividade estiver boa ele será estendido, se a atividade não demonstra bom aproveitamento ele poderá ser abreviado. Mas tudo se faz a partir de um cronograma de execução, pois as aulas não podem ir decorrendo indefinidamente, elas têm que ter cronogramas de execução parciais bem claros. O formato de uma atividade, a sua metodologia de ação, o modo como os alunos participam são elementos fundamentais. Muitas vezes, o aluno pode esquecer o assunto que foi estudado, mas lembra da estrutura da atividade, lembra que houve votação, que houve debate, que cada um tinha um tempo para defender suas ideias, lembra que a professora respeitava os pontos de vista individuais, todos são valores que ficam registrados na memória e ajudam a formar cidadãos.

11. Toda atividade deve ser estruturada sobre critérios claros para os alunos, tanto critérios para definição do que vai se fazer quanto critérios de avaliação das aprendizagens. Tudo o que for feito deve ser organizado num cronograma e cumprido de modo mais adequado possível. Os critérios para realização das atividades e progressão no cronograma devem estar claros desde o início. Inventar a toda hora critérios novos, modificar as regras do jogo, não ajudam na relação do professor com a turma. Como já afirmado acima, muitas vezes, o que o aluno leva para vida não é tanto o conteúdo ensinado, mas a forma como seu aprendizado foi organizado. Trabalho recolhido e devolvido em seguida ajuda a manter um ritmo de aprendizagem que envolve o aluno. Se você não vai ter tempo de ler os trabalhos recolhidos, não recolha. O que for recolhido para leitura, deve ser devolvido assim que possível e devidamente avaliado. Recolha poucos trabalhos, leia bem, devolva comentado. Deixe claro para os alunos que você não tem tempo de ler toneladas de trabalhos. Vai então ler com

atenção um número menor de trabalhos, que devem ser muito bem escritos.

12. Lembrar que uma situação estudada deve sempre ser uma situação complexa. Com isto, estamos entendendo que é uma situação em que vários elementos comparecem para compor o estudo. Não se trata de operar apenas com informações do tipo “em que data”, “quem fez”, “o que aconteceu”. Trata-se de trabalhar várias informações acerca de uma mesma situação, de modo a perceber a complexidade do estudo da História e das ciências humanas no geral. Mais do que nomes, datas e acontecimentos, o professor deve propiciar ao aluno a compreensão de como se estrutura uma dada situação, seja ela de revolução, eleição, “descoberta”, invasão, guerras de variados tipos, modos de viver, de trabalhar a terra, de estabelecer moedas e de comerciar com outras regiões, etc. É a partir de questões do mundo de hoje, que o professor orienta seus alunos no estudo de situações do passado. Isto implica o reconhecimento, no mundo de hoje, de situações de guerra, de invasão, de “descobrimientos”, de estabelecimento de diretrizes econômicas, de acordos de paz, de desenvolvimento econômico, etc. Muitas dessas situações envolvem problemas que já foram enfrentados no passado, como por exemplo, problemas de abastecimento de água ou de alimentos, problemas de repartição de renda, questões relativas ao estabelecimento da duração da jornada de trabalho, definição de limites para o que pertence à esfera pública ou à esfera privada, critérios de divisão das terras para a agricultura, etc. Nesta medida, torna-se importante orientar o aluno a verificar recorrências, mudanças e permanências dentro de cada situação estudada¹⁰.
13. Um bom professor tem que ter um bom ouvido, tem que estabelecer uma “sintonia” com a turma para saber como as relações estão se entrelaçando. É, inclusive, importante fazer certa leitura corporal dos alunos que expressam sua alegria por uma descoberta, por ter dado uma opinião, por

10 Este tópico está mais bem desenvolvido em SEFFNER (2001).

ter se manifestado frente ao grupo de maneira correta. Olhos brilhando, agitação que demonstra interesse, ouvidos atentos são bons indicadores. Assuntos que extravasam a sala de aula, que fazem com que os alunos indaguem coisas dos professores pelos corredores, demonstram que estamos no caminho certo. A boa atividade é aquela que provoca certo desassossego, que mexe com os alunos, que extravasa os limites da sala de aula, que gera críticas e polêmicas, que permite oposição de opiniões, e aí a tarefa do professor é assegurar que todos possam se expressar, sem desrespeito.

14. O uso das tecnologias é importante em sala de aula, cuidando para não exagerar, para não fazer da aula um show de recursos midiáticos. Melhor usar uma tecnologia de cada vez e usar inclusive tecnologias antigas como o retroprojetor, os jogos de tabuleiro, juntamente com o vídeo game, a internet. Os elementos centrais de uma aula seguem sendo o debate, a argumentação, a confrontação de opiniões, o registro escrito, a pesquisa e coleta de informações. Boas atividades são aquelas que geram a possibilidade de mostrar em público o trabalho dos alunos, seja fazendo uma exposição, seja publicando trabalhos em um blog, seja fazendo leitura frente a um grupo, etc. Para quem faz o trabalho, é muito importante saber que ele poderá ser apresentado depois. As tecnologias podem ajudar nisso, mas também temos modos convencionais de expor os trabalhos dos alunos.
15. Não queira ser adorado e admirado por todos os alunos, entenda que alguns não vão gostar de você, e que você também não vai gostar de alguns alunos. Ser professor não se confunde com ser miss (ou mister) simpatia. Não é o caso de ser antipático, mas claramente não faça as coisas buscando o aplauso fácil, o elogio de puxa sacos, o agrado epidérmico. Busque ser um adulto de referência para seus alunos e alunas, o que implica dialogar com eles, expor suas opiniões, deixar que eles argumentem acerca de suas ideias. Não fique querendo ser o tio, a tia, o irmão ou irmã mais velha, o adulto metido a adolescente. Tudo o que não se

necessita numa classe com trinta ou quarenta adolescentes é mais um lá dentro, menos ainda quando este é um adulto travestido de adolescente. Exerça a função de professor e de coordenador das atividades deixando claro que você é um adulto e servidor público, que maneja uma política pública, no caso, aquela da educação.

4 Referências

CECCON, C. OLIVEIRA, M.D. & OLIVEIRA, R.D. **A vida na escola e a escola na vida**. Petrópolis, Vozes/IDAC, 1991.

PEREIRA, N. M. & SEFFNER, F. **História, Leitura e Escrita no Ensino Médio**. In: PEREIRA, Nilton Mullet; SCHAFFER, Neiva Otero; BELLO, Samuel Edmundo Lopez; TRAVERSINI, Clarice Salete; TORRES, Maria Cecília de A.; SZEWCZYK, Sonia. (Orgs.). *Ler e escrever: compromisso no Ensino Médio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, v. 1, p. 165-178.

PEREIRA, N. M. & SEFFNER, F. **O que pode o ensino de história?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Anos 90 (UFRGS. Impresso)*, v. 15, p. 113-128, 2008.

SEFFNER, Fernando. **Teoria, metodologia e ensino de História**. In: GUAZZELLI, César A. B. et al. *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2000, p. 257-288.

_____. **Aprendizagens significativas em História**: critérios de construção para atividades em sala de aula. *Revista História Unicruz, Cruz Alta*, v. 2, p. 18-23, 2001.

_____. **Aprendizagens em História**. In: Valter Luiz Amaral da Silva. (Org.). *Teoria e Fazeres: caminhos da educação popular*. Gravataí: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1998, v. 1, p. 34-37.

SEFFNER, Fernando. **Leitura e escrita na História**. In: NEVES, I. C. B. et al. (Orgs.). *Ler e escrever compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2003. p. 105-118.

SEFFNER, Fernando; STEPHANOU, Maria. **De novo a mesma História?** O que ensinar e aprender nas aulas de História? Perguntas que não querem calar. In: Prefeitura Municipal de Gravataí–Secretaria de Educação. (Org.). *Teoria & Fazeres: caminhos da educação popular*. Gravataí: Prefeitura Municipal de Gravataí, 2004, v. 8, p. 66-74.

STEPHANOU, Maria. **Como produzir conhecimento histórico**. In: *Teoria e Fazeres*. Gravataí: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, v.1, n. 1, 1998. p. 38–43.